

## desvio e diferença no pensamento de foucault: uma transgressão libertária

carlos José martins\*

A edição comemorativa dos 50 anos da revista *Critique* foi concebida com o objetivo de festejar este meio século de sua existência através de textos que, dos anos cinqüenta aos oitenta, marcaram época. Mas não pretendendo ser apenas um número antológico, fez acompanhar cada um dos artigos republicados de um inédito escrito em eco. Associando passado e presente em um jogo de vozes em que se misturavam as gerações e no qual se quis colocar este aniversário sob o signo do movimento e do futuro<sup>1</sup>. A questão que quero colocar é: o texto de Judith Revel “Foucault lecteur de Deleuze: De l’ecart à la différence” que se justapõe a “Theatrum Philosophicum”<sup>2</sup> de Michel Foucault se presta aos propósitos anunciados por esta edição comemorativa?

A tese da autora tem por objetivo demonstrar que o artigo de Foucault, sobre a obra de um outro (Deleuze) singularmente próximo, como um duplo deslocado de seu

\*Mestre em Filosofia pela Unicamp, doutorando em Filosofia na UFRJ e Professor na UNESP-Rio Claro.

próprio percurso, marca uma mudança essencial de seu pensamento, quando é pela primeira vez explícita, a problematização da noção de *diferença*, cujas formulações sucessivas permitem dar conta da evolução do pensamento do filósofo desde o começo dos anos sessenta até os últimos tomos da *História da sexualidade*<sup>3</sup>.

A autora se permite tomar o texto de 1970 como sendo um divisor de águas na obra de Foucault, que se bifurcaria em duas formulações com relação à pesquisa da diferença: uma, que seria puramente reativa, não conceitual. Para caracterizá-la Revel lança mão de um trecho de uma longa entrevista de Foucault com D. Trombadori realizada em Paris em 1978<sup>4</sup>, na qual este fala sobre os autores que o haviam permitido se liberar em relação ao que dominava sua formação filosófica universitária no começo dos anos cinquenta: Hegel e a fenomenologia. E estes autores são Nietzsche, Blanchot e Bataille.

O procedimento mais adequado nos parece ser, não o de recortar nesta entrevista só aquilo que diz respeito à recusa do hegelianismo e da fenomenologia, a sua dimensão negativa, reativa, como quer a autora. Mas também e sobretudo o que permitiu a Foucault construir uma saída e que ele reitera inúmeras vezes, fazendo assim ressaltar a importância da sua dimensão positiva, afirmativa.

Depois construindo um ligeiro panorama sobre os primeiros livros da obra, sempre a luz do “*Theatrum philosophicum*”, a autora caracteriza o que no texto de 1970 seria a primeira figura do assujeitamento da diferença — a diferença como especificação — como sendo o resumo programático de *As palavras e as coisas*, para logo em seguida acrescentar generalizando para todo o período arqueológico da obra: “o que é então uma arque-

*ologia*, senão a tentativa de reencontrar o sistema de distribuição de semelhanças e diferenças no interior de um campo histórico e epistêmico dado”? Para mais a frente pontificar: “pois de fato, toda a aposta de *A História da loucura*, de *As Palavras e as Coisas* ou de *A Arqueologia do Saber* parece precisamente ter este projeto de encontrar o sistema de distribuições categoriais que reparte no interior do mundo pensável as similitudes e as diferenças, os espaços e os gêneros, as identidades e seus contrários”. Desembocando por fim na noção de *norma* como o grande reino do mensurável, que segundo Revel, significa a prevalência não da possibilidade da *diferença*, mas da figura do *desvio* na obra<sup>5</sup>.

Como que recuando em relação ao quadro interpretativo descrito até então, a autora se pergunta: “seria necessário considerar o texto de 1970 como uma exceção no interior de um pensamento a quem teria faltado a diferença e que teria sempre permanecido no interior das ínfimas variações do desvio”? Então, mais uma vez partindo de um certo número de indícios que aparecem no interior do artigo de 1970, parece indicar o contrário. “Esses indícios seriam nomes com os quais Foucault semeia seu artigo sem que eles pertençam ao texto comentado: figuras explícitas às vezes — Klossowski, sob o signo do qual se abre e se conclui o artigo, Sade, Bataille, Artaud —; às vezes dissimuladas atrás de alusões veladas — Mallarmé, Brisset, Nerval, Blanchot, Roussel etc., a quem Foucault consagra uma reflexão que parece completamente independente do resto de seu trabalho. Pois é precisamente nesses textos (...) que podemos ler a tentativa de pensar a *diferença* contra o *desvio*, quer dizer a possibilidade de uma saída do conceito e da dialética, e o esboço de um pensamento não categorial.<sup>6</sup>

Judith Revel menciona o texto sobre Klossowski<sup>7</sup> de 1964 como sendo o primeiro marco de uma pesquisa explícita de um pensamento liberado do conceito: “trata-se, com efeito, de uma linguagem para nós tão essencial quanto aquela de Blanchot e de Bataille, pois que a seu modo ele nos ensina, como o mais grave do pensamento deve encontrar fora da dialética sua leveza iluminada”<sup>8</sup>. Mas logo em seguida, no entanto, comete a nosso ver um equívoco de interpretação se referindo ao texto de Foucault sobre o pensamento de Bataille quanto à noção de transgressão<sup>9</sup>, que ela reputa como ainda restando “fechada no círculo — círculo virtuoso da ‘moral arcaica’ — que reconduz a anarquia da diferença a uma relação de determinação invertida, através das três mediações da matriz identitária: contradição, não ser, negativo”<sup>10</sup>. Mas isto é diametralmente oposto ao que Foucault encontra em Bataille: “a transgressão se abre sobre um mundo cintilante e sempre afirmado, não opõe nada a nada, ela não comporta nada de negativo. Ela toma no coração do limite, a medida desmesurada da distância que se abre nela mesma e desenha o traço fulgurante que a faz ser. Ela afirma o ser limitado que nós somos e o ilimitado no qual ela salta ao abri-lo pela primeira vez à existência”<sup>11</sup>.

Na verdade é em “Préface a la transgression” texto de 1963, que Foucault coloca o primeiro marco de um pensamento não dialético, não categorial e portanto, não do desvio e sim da diferença: “encore foudrait-il alléger ce mot de tout se qui peut rappeler le geste de la coupure, ou l’établissement d’une séparation ou la mesure d’un écart, et lui laisser seulement ce que en lui peut désigner l’être de la différence”<sup>12</sup>.

Pois então vejamos o que diz Foucault sobre a obra de Bataille em 1970 — mesmo ano de publicação de seu “Theatrum Philosophicum” — na apresentação de suas

*Oeuvres complètes*: “Bataille é um dos escritores mais importantes de seu século: *Histoire del’oeil* (história do olho), *Madame Edwarda* romperam o fio das narrativas para contar o que nunca havia sido contado; a *Somme atheológica* (Suma ateológica) introduziu o pensamento no jogo — no jogo arriscado — do limite e da transgressão. *L’erotisme* (O erotismo) aproximou Sade de nós e o tornou mais difícil. Devemos a Bataille grande parte do momento em que estamos; mas o que falta fazer, pensar e dizer sem dúvida se deve a ele e se deverá por muito tempo”<sup>13</sup>.

A entrevista com Trombadori é toda ela marcada pela presença de Bataille, que Foucault faz pairar sobre toda a sua obra, de maneira mais, ou menos, direta, ora formando uma trindade junto com Nietzsche e Blanchot que possibilitou a liberação em relação à dialética e à fenomenologia, ora através da noção de *experiência-limite*, explicitamente retomada de Bataille: “eu me esforcei, em particular, em compreender como o homem transformou em objetos de conhecimento certas *experiências limites*: a loucura, a morte, o crime. É aí onde encontramos os temas de Georges Bataille, mas retomados em uma história coletiva que é aquela do ocidente e de seu saber. Trata-se sempre de experiência limite e de história da verdade”<sup>14</sup>.

Desta maneira pode-se ver como o próprio Foucault estabelece a relação entre sua obra publicada em livro e os seus artigos e entrevistas. O que Deleuze reafirma de maneira brilhante: “na maior parte de seus livros, ele assegura um arquivo bem delimitado, com meios históricos extremamente novos, sobre o hospital geral no século XVII, sobre a clínica no século XVIII, sobre a prisão no século XIX, sobre a subjetividade na grécia antiga, depois do cristianismo. Mas é a metade da sua tarefa. Já que, por preocupação de rigor, por vontade de

não misturar tudo, por confiança no leitor, ele não formula a outra metade. Ele a formula só explicitamente, nas entrevistas contemporâneas a cada um de seus livros”<sup>15</sup>.

Nos parece que para estar a altura da proposta desta edição especial comemorativa dos 50 anos desta importante revista, é necessário fazer ecoar a singularidade dos pensamentos de Foucault e de Deleuze. Para tanto é preciso dar ao pensamento de George Bataille, um dos fundadores de *Critique*, o devido papel que este tem junto a obra de Foucault e de toda uma geração de intelectuais franceses. Colocar então, o texto que se comenta sob o signo do movimento e do futuro não pode implicar em imobilizar a pesquisa da diferença na obra de Foucault a uma dependência, ou, a uma dívida com a obra de Deleuze, pois esta já teria se formulado explicitamente pela primeira vez no artigo consagrado a Bataille em edição especial que o homenageava na mesma revista em 1963.

Este texto, tão belo quanto denso, já traz inúmeros temas que serão desdobrados e extensamente elaborados posteriormente na obra de Foucault, o que não significa dizer que toda sua obra já estivesse contida nele de forma latente. Parece-nos, porém, que este texto, se nos fosse permitido fazê-lo, aproxima-se muito mais daquilo que Judith Revel denominou como “resumo programático” de sua obra, dando conta da evolução de seu pensamento desde o começo dos anos sessenta até a *História da Sexualidade*.

O texto se abre sob o tema da sexualidade, já enunciado nos termos da crítica da vontade de saber que está por trás de nossa crença na hipótese repressiva, que só aparecerá em 1976 no volume I da *História da sexualidade*: “cremos de boa vontade que, na experiência con-

temporânea, a sexualidade encontrou uma verdade de natureza que teria por longo tempo esperado na sombra, e sob diversos disfarces, que só nossa perspicácia positiva nos permite hoje decifrar, antes de ter o direito de aceder enfim à plena luz da linguagem.

Nós não liberamos a sexualidade, mas nós a temos, exatamente, levado ao limite: limite de nossa consciência, por que ela dita finalmente a única leitura possível, para nossa consciência, de nosso inconsciente; limite da lei, por que ela aparece como o único conteúdo absolutamente universal do interdito ; limite de nossa linguagem(...) Não é então por ela que nós comunicamos com o mundo ordenado e felizmente profano dos animais; ela é sobretudo cisura: não em torno de nós para nos isolar ou nos designar, mas para traçar o limite em nós e nos desenhar a nós mesmos como limite”<sup>16</sup>.

Foucault faz relação da sexualidade com uma mutação radical em nossa cultura, marcada pela figura emblemática da “morte de Deus” cuja obra de Sade é o soberano testemunho: “o que a partir da sexualidade pode dizer uma linguagem se ela é rigorosa, não é o segredo natural do homem, não é sua calma verdade antropológica, é que ele está sem Deus; a palavra que nós demos à sexualidade é contemporânea em tempo e estrutura àquela pela qual nós anunciamos a nós mesmos que Deus estava morto. A linguagem da sexualidade, na qual Sade, desde que ele pronunciou as primeiras palavras, fez percorrer em um só discurso todo o espaço no qual ele se tornara subitamente o soberano, nos levou até uma noite onde Deus está ausente e onde todos nossos gestos se endereçam a esta ausência em uma profanação que de uma só vez a designa, a conjura, se esgota nela, e se encontra reconduzida por ela a sua pureza vazia de transgressão”<sup>17</sup>.

Aqui também as referências à “morte de Deus”, a Sade, a Kant e à crítica da antropologia e da dialética, vão ecoar com a sua presença em *As Palavras e as Coisas*, com a problematização dos limites da linguagem e as conseqüências colocadas pela emergência da questão do ser da linguagem: “este pensamento o qual tudo até o presente nos desviou, mas como para nos conduzir até o seu retorno, de qual possibilidade nos vem ele, de qual impossibilidade tem ele para nós sua insistência? Podemos dizer sem dúvida que ele nos vem da abertura praticada por Kant na filosofia ocidental, o dia onde ele articulou, sobre um modo ainda bem enigmático, o discurso metafísico e a reflexão sobre os limites de nossa razão. Uma tal abertura, Kant acabou ele mesmo por tornar a fechar dentro da questão antropológica à qual ele tem, no fim das contas, referido toda a interrogação crítica; e sem dúvida a tem por consequência estendido como esfera indefinidamente concedida à metafísica, por que a dialética substituiu à colocação em questão do ser e do limite o jogo da contradição e da totalidade”<sup>18</sup>.

“A possibilidade de um tal pensamento não nos vem, com efeito, em uma linguagem que justamente nos oculta a esta como pensamento e a reconduz até a impossibilidade mesma da linguagem? Até a este limite onde vem em questão o ser da linguagem?”<sup>19</sup>

E mais uma vez, será evocada a figura de Nietzsche para conjurar nosso sono dogmático: “para nos despertar do sono misturado da dialética e da antropologia foi necessário as figuras nietzschianas do trágico e de Dionísio, da morte de Deus, do martelo do filósofo, do super homem que aproxima a passo de pomba, e do Retorno”<sup>20</sup>.

O que se verifica, portanto, é que este texto transgri- de em muito os limites de seu tempo, lançando setas



agudas que viriam ferir o cerne de futuras obras de Foucault, o que só confirma o caráter sagital, extemporâneo e libertário de seu pensamento.

### Notas

<sup>1</sup> *Critique cinquante ans 1946-1996*, n° 591-592, Août-Septembre 1996.

<sup>2</sup> Michel Foucault. "Theatrum Philosophicum" in *Critique*, n° 282, novembre 1970.

<sup>3</sup> Judith Revel. "Foucault lecteur de Deleuze: de l'ecart à la différence" in *Critique*, n° 591-592, Août-Septembre, 1996, pp. 727-735.

<sup>4</sup> Michel Foucault. "Colloqui con Foucault", entretien avec D. Trombadori, Paris, fin 1978, *Il Contributo*, 4° anné, n° 1, janviers-mars 1980, pp. 23-84; trad. fr. *Dits et écrits*, sous la direction de F. Ewald et D. Defert, Paris, Gallimard, 1994, vol. 4, texto n° 281.

<sup>5</sup> J. Revel, op. cit., pp. 729-730.

<sup>6</sup> Idem, p. 731.

<sup>7</sup> Michel Foucault. "La prose d'actéon", dans *La nouvelle revue française*, n° 135, mars 1964, repris dans *Dits et écrits*, op. cit., vol. I, texte n° 21.

<sup>8</sup> J. Revel, op. cit., p. 731.

<sup>9</sup> Michel Foucault. "Préface à la transgression", *Critique* "Hommage à Georges Bataille", n° 195-196, Août-Septembre 1963, in *Dits et écrits vol. I*, pp. 233-250.

<sup>10</sup> J. Revel, op. cit., pp. 731-2.

<sup>11</sup> Michel Foucault. "Préface à la transgression", op. cit., p. 238.

<sup>12</sup> Idem. [Nota dos Editores: "Seria também necessário aliviar essa palavra de tudo o que pode lembrar o gesto do corte, ou o estabelecimento de uma separação ou a medida de um afastamento, e lhe deixar apenas o que nela pode designar o ser da diferença". Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa in Michel Foucault. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Manoel Barros da Motta (org.), Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001, *Dits e escritos vol. III*, p. 33.]

<sup>13</sup> Michel Foucault. "Présentation" a George Bataille, *Oeuvres complètes 1970*, *Dits et écrits vol. II*, pp. 25-26.



## verve

### Desvio e diferença no pensamento de Foucault

<sup>14</sup> Michel Foucault, *Dits et écrits vol. IV*, op. cit., p. 57.

<sup>15</sup> Gilles Deleuze. “Qu’est qu’un dispositif (“O que é um dispositivo?”)” in *Michel Foucault philosophe: Rencontre Internationale*. Paris, Seuil, 1988, p. 192.

<sup>16</sup> Michel Foucault. “Preface à la transgression” in *Dits et écrits vol. I*, p. 233-234.

<sup>17</sup> Idem, p. 234.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 239.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 241.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 239.



RESUMO

*Este artigo visa, a partir da edição comemorativa dos 50 anos da revista Critique, que pretendeu colocar este número sob o signo do movimento e do futuro, cotejar o pensamento de Michel Foucault com relação à pesquisa da diferença em sua obra, tomando como eixo a importância da obra de Georges Bataille, fundador da revista que deu lugar ao pensamento de toda uma geração de intelectuais franceses.*

Palavras-chave: *Michel Foucault, diferença, Gilles Deleuze.*

ABSTRACT

*This article aims, from the study of the 50th anniversary issue of the magazine Critique, to face Michel Foucault's thought concerning the investigation of difference in his work, taking as reference the importance of the work of George Bataille, founder of the magazine that gave opportunity to an entire generation of French intellectuals.*

Keywords: *Michel Foucault, difference, Gilles Deleuze*

*Recebido para publicação em 17 de junho de 2003*